



REPAM
RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
frente de vida en el corazón de la Iglesia

CESTA AMAZÔNICA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA



RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
frente de vida en el corazón de la Iglesia



REPAM
RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
fuerza de vida en el corazón de la Iglesia

CESTA AMAZÔNICA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA
fuerza de vida en el corazón de la Iglesia

Apresentação

O QUE É A CESTA AMAZÔNICA?

A Cesta Amazônica é uma caixa que contém ferramentas que estão sendo colocadas à disposição, como insumos, para os agentes de pastoral que se encontrem no território amazônico e que possam necessitar de materiais simples para uma vinculação mais efetiva entre sua atividade evangelizadora e seu papel ativo na sociedade. Essa é uma iniciativa construída coletivamente para a transformação pastoral, a partir de experiências e materiais valiosos, além de servir para o aprofundamento e para a reflexão em torno de temas prioritários para a compreensão da realidade.

Objetivo geral

- Acompanhar agentes pastorais e suas comunidades, nos lugares mais variados da Pan-Amazônia

Objetivos específicos

- Aplicar uma articulação ativa para a construção de uma Igreja irmã e próxima das necessidades da realidade local, mas com consciência integral da região Pan-Amazônica e seus desafios atuais.
- Contribuir com insumos para os agentes pastorais a fim de construir ou atualizar planos da pastoral em suas comunidades ou atualizar planes de pastoral en sus comunidades
- Adaptar os conteúdos de formação pastoral aos contextos e às necessidades dos respectivos territórios.

Agradecimentos

O presente módulo foi elaborado graças a um exercício coletivo de colaboradores da 'Red Eclesial Panamazônica (REPAM)'.

Agradecemos em especial às pessoas que colocaram todo o seu esforço e experiência nos conteúdos deste módulo:

María Soares de Camargo
Carlos Francisco Signorelli

Doutrina Social da Igreja

INTRODUÇÃO

CONTEMPLAR

Vamos ler o livro do Êxodo, capítulo 22, 20-26. Há mais de três mil anos, quando o povo de Deus, libertado da escravidão do Egito, já se encontrava na terra prometida, o Senhor lhes falava para que organizassem a vida social segundo a Justiça e a Misericórdia. Ele levava o povo a abrir os olhos para situações de sofrimento e indicava como superá-las. Porém, para isso, deveriam imitar a atitude e a ação de Deus para com eles no decorrer da história.

Do mesmo modo, Jesus estimulava os seus seguidores a terem as mesmas atitudes de Deus, como, por exemplo, no sermão da montanha: "Sejam misericordiosos como também o Pai de vocês é misericordioso" (Lc 6,36.)

As dificuldades existem, e já existiam desde as primeiras comunidades cristãs, como podemos ver pela carta do apóstolo São Tiago (Tg 2, 1-4). Mas essas dificuldades são ocasião para assumirmos com mais consciência e firmeza nosso compromisso de fé.

Pistas de reflexão

* Como o sofrimento de meus semelhantes repercute em mim, pessoalmente?

* Quais as situações de sofrimento humano mais visíveis em nossa comunidade ou bairro?

Rezar em conjunto uma oração, pedindo ao Espírito Santo que ilumine o nosso coração e a nossa mente para iniciar o estudo sobre a Doutrina Social da Igreja (DSI).

VER

Depois morte e ressurreição de Jesus, seus seguidores, reunidos em pequenas comunidades, continuaram a viver o mesmo modo de vida de seus semelhantes, como podemos ler na Bíblia: cultivando a terra, pescando, cuidando de seus rebanhos, constituindo famílias numerosas, louvando e agradecendo ao Criador e Salvador.

No entanto, os cristãos daquele tempo procuravam viver, em tudo isso, os valores ensinados por Jesus, modificando as relações humanas pelo amor, pelo perdão, pela solidariedade, alegria e esperança, em todas as situações, por mais difíceis que fossem. Criaram um estilo de vida que se destacava dos demais, provocava questionamento e admiração em muita gente.

Sabemos que os primeiros cristãos e cristãs foram perseguidos pelo Império Romano, muitos morreram mártires, mas perseveraram na comunhão e na caridade, de maneira que as comunidades cresciam e se fortificavam sem cessar.

Depois de aproximadamente trezentos anos, havia tantos cristãos que eles conquistaram o direito de viver a sua fé com liberdade, construir suas igrejas etc. Passaram então a influenciar decisivamente a vida social, econômica, cultural, política e religiosa de muitos povos. Isso durou muito tempo, correspondendo à chamada Idade Média.

Naquela época, os povos do continente americano eram numerosos, tinham diferentes culturas e pouco contato entre si. Quando migravam à procura de melhores condições de vida, encontravam-se e algumas vezes guerreavam, sendo os perdedores submetidos à escravidão.

Outras vezes, faziam alianças políticas e estabeleciam relações comerciais. Assim formaram-se impérios e importantes civilizações, que se igualam a outras antiquíssimas do Oriente Médio, como por exemplo, do Egito.

Estudos sobre as grandes civilizações da história incluem necessariamente os Maias, os Astecas e o impressionante Império Inca, além de culturas regionais que contribuíram de forma relevante na agricultura, arquitetura, arte e outros campos do saber. Essas grandes culturas não deixaram documentos escritos e a maior parte de sua herança se perdeu, porque os sucessivos domínios iam extinguindo ou incorporando elementos das culturas anteriores.

Felizmente ainda restaram importantes monumentos, a maior parte deles de cunho religioso, como as pirâmides, onde eram oferecidos sacrifícios aos deuses.

Os povos que habitavam a costa tinham divindades ligadas ao mar, de onde tiravam grande parte de sua sobrevivência.

Já os que viviam nas montanhas, como os povos andinos, cultuavam outras divindades ligadas ao seu modo de vida.

Naquele tempo, os espanhóis e portugueses estavam ainda se constituído como nações; portanto, não haviam ainda chegado ao continente americano e nem sequer sabiam de sua existência.

Porém, na Europa, a sociedade começou a mudar radicalmente. As pessoas iam deixando o mundo rural e passaram a morar nas cidades, construindo novos conhecimentos, os conhecimentos científicos. Criaram meios para viajar sempre mais longe, como a bússola, que orientava as embarcações de longo alcance .

Assim sendo, fizeram contato com outros povos, sobretudo do Oriente, com fins comerciais, acumulando riqueza e trocando conhecimentos. Os espanhóis e portugueses se aperfeiçoaram na arte da navegação e obtiveram informações (verdadeiras e lendárias) a respeito de terras do outro lado do oceano, onde havia ouro em abundância, madeiras preciosas, flora e fauna riquíssimas e até mesmo uma "fonte da eterna juventude"! Empenharam-se então em chegar a esse "Novo Mundo", e assim "descobriram" o continente americano. De fato, começaram pelas Antilhas no final do século XV e já no século XVI conquistaram grande parte do que são hoje os países latino-americanos.

Em outros países europeus, sobretudo na Inglaterra, as tecnologias provenientes dos novos conhecimentos avançavam rapidamente. Descobriram a energia a vapor queimando combustíveis, sobretudo o carvão; passaram a fabricar máquinas e a produzir as coisas não mais uma a uma, artesanalmente, mas em série, multiplicando a riqueza e modificando as relações sociais. Foi a chamada Revolução Industrial, que transformou não apenas a economia, mas as relações sociais, a maneira de ver o mundo e interpretar a história humana. Isso ficou bem configurado no século XVIII, constituindo o que se denomina a Idade Moderna.

A nova maneira de produzir os bens fazia com que os ricos ficassem cada vez mais ricos, explorando o trabalho dos pobres.

As famílias operárias viviam amontoadas em casebres em volta das fábricas, trabalhando de 12 a 17 horas por dia, ganhando salários de fome. Mulheres e crianças também trabalhavam duramente, sendo que até crianças trabalhavam em lugares perigosos, como em minas de carvão debaixo da terra, o que muitas vezes causava sua morte prematura.

A Igreja foi pega de surpresa diante de tantas mudanças e continuava sua prática rotineira, como se nada estivesse acontecendo. No entanto, muitos cristãos perceberam essa situação desumana e se indignaram, tentando diminuir, com algumas iniciativas sociais, os sofrimentos dos operários. No entanto, a maioria dos padres, bispos e até mesmo o Papa, custaram a admitir as imensas mudanças trazidas pela Modernidade.

Surgiram sindicatos de trabalhadores para a defesa de seus direitos (auxiliados por intelectuais socialistas e comunistas como Karl Marx), desencadeando-se sérios conflitos nos países já industrializados. Finalmente, diante da gravidade da situação social e da insistência de cristãos conscientes e influentes, o Papa Leão XIII, em 1891, lançou um documento sobre a condição dos operários, denominado em latim *Rerum Novarum*, que significa "Coisas Novas".

Essas "coisas novas", que já vinham acontecendo há algumas dezenas de anos, eram justamente os resultados do sistema capitalista, que havia tirado as terras dos camponeses para explorá-las de modo que servissem à indústria nascente. Sem terra, as famílias camponesas acorreram às cidades, vivendo em pardieiros sujos, com alimentação deficiente, sem serviços de saúde e educação, com salários miseráveis, provocando desagregação familiar e dissolução moral.

O Papa Leão XIII denunciou a injustiça social, colocando a Igreja diretamente a favor dos operários. Afirmou que o salário deve ser suficiente para a manutenção das famílias; os horários de trabalho devem respeitar o direito ao culto a Deus, ao repouso e à convivência familiar; as condições de trabalho devem ser condizentes com a dignidade humana, protegendo-se mulheres e crianças. Declarou que o trabalho tem prioridade sobre o capital, o que dá força aos trabalhadores diante dos patrões (donos do capital). Conclamou o Estado a zelar por uma sociedade mais justa, garantindo vida digna às famílias operárias.

Enquanto a Revolução Industrial acontecia a partir da Inglaterra, Espanha e Portugal já haviam estabelecido suas colônias no continente americano e participavam do processo de modernização capitalista vendendo as riquezas que daqui retiravam. Como sabemos, desde o início a exploração das riquezas se fez segundo o interesse dos colonizadores, sendo que essa estrutura de exploração que beneficia interesses alheios ao bem das populações locais permanece, de diferentes formas, até os dias de hoje.

A Igreja evangelizou os povos nativos seguindo o modelo de igreja europeu, acompanhando as tropas portuguesas e espanholas, como bem sabemos. As atrocidades cometidas contra os povos originários eram constantes e as poucas denúncias proféticas foram desconsideradas, na época. Tardamente, foram reconhecidas e o Papa João Paulo II, no início do Novo Milênio, formalizou um sincero pedido de perdão. Na prática, durante todo o período colonial, a Igreja reproduziu, com adaptações, a cristandade existente nos países ibéricos durante a Idade Média. Depois de cinco séculos, encontramos ainda práticas religiosas desse catolicismo colonial, bem como alguns traços daquela mentalidade.

As grandes mudanças da Revolução Industrial e da Modernidade (as "Coisas Novas") chegaram aqui séculos depois que na Europa. Esse processo atingiu cada país latino-americano em datas diferentes, mas nunca antes de meados do século XIX, inícios do século XX.

Repetiu-se o êxodo rural e a grande exploração da mão de obra operária, tendo a Igreja dificuldade de se posicionar diante dos grandes patrões, como ocorria diante dos grandes proprietários rurais. Houve, porém, iniciativas proféticas e uma progressiva conscientização sobre a imensa desigualdade social, bem como sobre a situação de dependência colonial do nosso catolicismo. Por exemplo: toda a Igreja mantinha a liturgia em latim, mas aqui o contraste ficava mais visível, visto tratar-se de uma língua que jamais havia sido falada no continente e completamente estranha à mentalidade e linguajar populares.

Por isso é que a América Latina recebeu de braços abertos o maior acontecimento da vida da Igreja nos últimos tempos: o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). Os bispos daqui que haviam ido à Roma para o Concílio agendaram uma reunião para dois anos depois, em 1968, em Medellín-Colômbia.

As Conclusões de Medellín, intituladas "A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio" marcaram a grande virada em direção à Justiça, convocando à uma mudança das estruturas eclesiais a fim de dar prioridade aos pobres. Seguiram-se outras grandes conferências episcopais continentais, organizadas pelo recém-criado CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano): em Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Seus documentos conclusivos trazem muitos ensinamentos que podem ser incorporados à Doutrina Social da Igreja.

Há também pronunciamentos de conferências episcopais de vários países que esclarecem diversos temas sociais, como, por exemplo, a questão da terra, da democracia, da ética na política, bem como questões específicas como, por exemplo, os direitos dos povos indígenas, os perigos da mineração etc.

Oficialmente, quando nos referimos à DSI, seu marco inicial é a *Rerum Novarum*. Este documento, datado de 1891, foi uma carta circular (encíclica) enviada pelo Papa Leão XIII aos bispos de todo o mundo e é considerada a primeira encíclica social. Na sequência, muitos outros papas se pronunciaram, seja para fazer outras denúncias ou relembrar e atualizar as orientações segundo as mudanças da realidade, constituindo um conjunto de ensinamentos sistematizados e organizados, uma verdadeira doutrina. Porém, também se fala em Ensino Social da Igreja (Paulo VI) ou Pensamento Social da Igreja (Francisco). Segue a lista dos documentos mais importantes, com o nome em latim (as duas primeiras palavras do texto original), o nome de quem os escreveu e a data da publicação:

1. *Rerum Novarum* – Sobre a condição dos operários – Leão XIII – 1891
2. *Quadragesimo Anno* – Restauração da Ordem Social – Pio XI – 1931
3. *Mater et Magistra* – Evolução da questão social – João XXI-II – 1961
4. *Pacem in Terris* – Paz na Terra – João XXIII – 1963
5. *Gaudium et Spes* – A Igreja no mundo de hoje – Concílio Vaticano II – 1965
6. *Populorum Progressio* – Sobre o Desenvolvimento dos Povos – Paulo VI – 1967

7. Octogesima Adveniens – Necessidades de um mundo em transformação – Paulo VI – 1971
8. Justiça no Mundo – Sínodo dos Bispos – 1971
9. Evangelii Nuntiandi – A Evangelização no mundo de hoje – Paulo VI – 1975
10. Laborem Exercens – Sobre o Trabalho Humano – João Paulo II – 1981
11. Sollicitudo Rei Socialis – Sobre a Solidariedade – João Paulo II – 1987
12. Centesimus Annus – Centenário da Rerum Novarum – João Paulo II – 1991
13. Novo Millennio Ineunte – No início do novo milênio – João Paulo II – 2001
14. Caritas in Veritate – Desenvolvimento Humano – Bento XVI - 2009
15. Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho – Francisco – 2013
16. Laudato Si’ – sobre o Cuidado da Casa Comum – Francisco -2015

A intenção da DSI é trazer para os dias de hoje os ensinamentos de Jesus. Para quem vive na selva, nas comunidades ribeirinhas, para quem cultiva a terra produzindo alimentos e cuidando de animais, a leitura dos Evangelhos soa familiar, não sendo necessário pensar muito para entender o que Jesus quer dizer.

Porém, para quem vive numa cidade grande, locomovendo-se em meios de transportes precários e cansativos, trabalhando no ritmo rápido das máquinas modernas ou em empresas estrangeiras, passando necessidades para criar os filhos, tendo dificuldade em reunir a família e até mesmo ter um domingo livre para ir à igreja, talvez a leitura do Evangelho não diga muita coisa à sua vida cotidiana.

A figura de um pastor apascentando suas ovelhas numa colina verdejante pode parecer uma fantasia bonita, como num filme ou em uma novela de televisão. Talvez seja percebido como algo que não diz respeito diretamente à sua pessoa, nem lhe exige nada a mais. Por exemplo, se sou patroa ou patrão, as palavras de Jesus não repercutem na maneira como trato minha empregada doméstica, ou os empregados de minha empresa, nem dizem respeito à honestidade de meus negócios etc.

A Modernidade trouxe uma ruptura entre o Evangelho e a Cultura, como bem disse o Papa Paulo VI. O nosso modo de viver, de produzir os bens, de consumir sempre mais produtos tecnológicos novos, a maneira de nos relacionar com os outros, isso é o que constitui a nossa realidade cotidiana; outra coisa é ir eventualmente à igreja aos domingos ou participar da celebração quando o padre passa por perto, batizar os filhos com festa, ouvir histórias bonitas daqueles tempos bíblicos ...

No entanto, Jesus veio instaurar o Reino de Deus, isto é, outro estilo de vida neste mundo, a vida segundo o Espírito. Ao nos relacionarmos com Deus, com nossos semelhantes e com todas as coisas criadas, não podemos nos dizer cristãos e viver como toda a gente, sem fazer nenhuma diferença, sem que o mundo se torne mais humano e feliz com a nossa presença.

Para nos ajudar a conhecer e interpretar a realidade atual á luz da fé é que nasceu a Doutrina Social da Igreja. As encíclicas sociais são promulgadas pelo Magistério da Igreja, mas os papas não as escrevem sozinhos.

Valem-se de colaboradores e as próprias comunidades cristãs contribuem para a elaboração desses ensinamentos, como afirmou o Papa Paulo VI (1975). Grande é a responsabilidade dos cristãos leigos e leigas, que estão imersos nesse mundo e trazem ao seio da Igreja situações de vida que precisam ser examinadas e discernidas à luz do Espírito de Deus.

JULGAR

A DSI interpela a realidade com critérios elaborados a partir de vários fundamentos. Tem como ponto de partida a Bíblia, fazendo uma releitura de textos referentes à organização do Povo de Deus no Antigo Testamento, bem como de textos proféticos de importância inesgotável. Podemos exemplificar com os livros do Êxodo (22, 20-26), Deuteronômio (24, 10-17) Levítico (capítulo 25), além dos profetas Isaias (1, 11-17 e 58, 3-11), Jeremias (7, 4-7), Amós (5, 21-25) e Miquéias (2, 1-2, 8-9 e 6, 6-8), entre outros.

No Novo Testamento, os Evangelhos brilham mostrando a vida de Jesus, homem perfeito, que em seus relacionamentos indica-nos a forma de nos comportar com relação aos nossos semelhantes, à natureza e Deus, seu e nosso Pai. As cartas dos apóstolos nos dão importantes balizas de conduta das primeiras comunidades cristãs e os Atos dos Apóstolos testemunham a vivência entusiasta e cheia de esperança dos valores cristãos, válidos igualmente para os nossos dias.

Há que considerar ainda textos tradicionais dos “padres” da Igreja, ou seja, bispos e teólogos do século II ao século IV de nossa era, que colaboraram para a elaboração do próprio

cristianismo. Citando apenas alguns nomes, lembramos de Basílio, João Crisóstomo e Agostinho.

Eles insistem na perspectiva da justa distribuição dos bens, considerando que o Criador os destinou à vida de todos os seus filhos e filhas. Não falam das estruturas e do modo de produção de bens, pois isso não aparecia como questão naquela época. Entretanto, colocam-se decididamente em favor dos pobres, realçando a dignidade de toda e qualquer pessoa, a sociabilidade humana e a organização social comunitária.

Além disso, a vivência eclesial e a reflexão teológica acumuladas durante 20 séculos trazem elementos enriquecedores à DSI, como, por exemplo, os ensinamentos de São Tomás de Aquino sobre a Justiça e a Caridade. O Magistério da Igreja também utiliza, cada vez mais, elementos das ciências humanas modernas para analisar a complexa realidade social do mundo atual.

Em 2004, a pedido do Papa João Paulo I, o Pontifício Conselho 'Justiça e Paz' publicou o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, onde encontramos uma síntese dos princípios básicos com os quais o Magistério da Igreja julga a realidade social, iluminando-a com a luz da fé e apontando caminhos para a ação em vista da concretização dos grandes valores da vida social: a verdade, a liberdade, a justiça e o amor ou caridade. Os princípios da DSI são assim formulados, segundo o Compêndio acima citado:

- * Dignidade da pessoa humana;
- * O Bem Comum;
- * Destinação Universal dos Bens;
- * Princípio de Subsidiariedade;
- * Princípio da Participação;
- * Princípio da Solidariedade.

Na verdade, a Dignidade da Pessoa Humana é a pedra fundamental de todos os princípios, pois a pessoa humana é a imagem de Deus. Esta afirmação percorre toda a Bíblia e atinge seu ponto culminante quando o próprio Deus se encarna em Jesus, o Cristo, verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus. A pessoa humana se expressa na vida social, pois é um ser de relações, constituindo-se em sua relação com o mundo, com seus semelhantes, consigo mesmo e, essencialmente, com Deus.

Tanto o homem com a mulher tem a mesma dignidade e igual nível e valor, como diz o Catecismo da Igreja Católica: “ambos, na sua diversidade, são imagem de Deus, mas ainda mais profundamente porque é imagem de Deus o dinamismo de reciprocidade que anima o ‘nós’ do casal humano (371)”. Refletindo a multiforme riqueza de Deus, a pessoa humana tem múltiplas facetas, cujo conhecimento vem sendo sempre aprofundado. O respeito à sua dignidade pode ser resumido no respeito aos direitos humanos: universais, invioláveis e inalienáveis.

Seria impossível nos alongarmos aqui sobre esse tema, praticamente inesgotável. Vamos desenvolver os princípios da DSI no roteiro do próximo encontro de estudos. Agora, diremos apenas uma palavra sobre os princípios enunciados, cujos títulos são significativos.

O Bem Comum decorre da igual dignidade de todas as pessoas humanas, que dependem umas das outras para se realizarem. Portanto, a vida social deve ser organizada de maneira a proporcionar o bem de “todos os homens e do homem todo”, conforme afirmou o papa Paulo VI. A responsabilidade pelo bem comum compete a todos, mas cada um colabora segundo suas possibilidades, sobressaindo-se nesse ponto a tarefa da comunidade política.

Para alcançar o Bem Comum é necessário admitir um outro princípio, o da Destinação Universal dos Bens. Acreditamos que os bens criados por Deus se destinam à vida de todos e todas; tenham eles e elas nascido na Amazônia de águas abundantes ou num deserto, têm o direito à água suficiente para viver com dignidade.

De fato, há no planeta o necessário para que, mediante seu trabalho, os seres humanos se organizem, consigam seu sustento e desfrutem da terra, das águas e de todos os bens que o Criador pôs à sua disposição, como lemos em Gn 1,28-29. O uso dos bens em vista do bem comum é a tarefa econômico-política por excelência e "princípio típico da doutrina social cristã", conforme expressão do papa João Paulo II.

O Princípio de Subsidiariedade é difícil de ser explicado em poucas palavras. Foi formulado na encíclica Quadragesimo Anno, publicada em 1931 para comemorar os quarentas anos da Rerum Novarum. Naquela época, alguns países europeus viviam sob governos totalitários, isto é, o Estado estava interferindo autoritariamente em todas as esferas da vida, inclusive na vivência familiar, na educação dos filhos etc. Isso acontecia nos países comunistas, liderados pela Rússia, e também na Alemanha e na Itália.

O papa Pio XI ensinou que há diversos níveis de responsabilidade e uma comunidade maior não deve atribuir a si tarefas que podem ser executadas numa comunidade menor. As decisões devem ser tomadas o mais próximo possível da comunidade a ser afetada por tal decisão. Por exemplo: o que a família pode fazer, o Estado não deve assumir, mas deve promover condições para que todas as famílias tenham sua autonomia econômica, cultural, política etc. Resumindo, o Estado deve subsidiar os grupos sociais menores, isto é, estimular, orientar, coordenar, apoiar, promover e não se substituir a eles, absorvê-los e até mesmo destruí-los.

A Participação decorre do princípio de subsidiariedade, pois se não quero que o outro faça por mim o que posso fazer, tenho o dever de participar, contribuindo com a comunidade onde vivo, em todas as dimensões: econômica, cultural, política, social. Essa contribuição deve ser exercida de forma responsável, tendo em vista o Bem Comum, e é fundamental para a democracia.

A Solidariedade é uma palavra muito presente em todos os documentos do Magistério eclesial. Sem a solidariedade, a espécie humana não existiria. Somos herdeiros de um imenso patrimônio material e imaterial, das riquezas culturais, do conhecimento científico e tecnológico acumulado durante a história da humanidade. Em sã consciência, temos que corresponder a tantos dons recebidos e agir também de forma solidária. Como cristãos, reconhecemos que Jesus foi solidário com a humanidade "até a morte, e morte de cruz" (Fl 2.8). A fé cristã nos leva a revestir a solidariedade com a gratuidade, o perdão e a reconciliação, chegando até à doação da própria vida, como Jesus (1Jo 3,16).

Esses princípios nos ajudam a analisar as realidades complexas com que nos defrontamos, a fim de discernir as melhores soluções e caminhos a seguir. Alguns temas já foram bastante desenvolvidos pela DSI, como, por exemplo, o que se refere ao mundo do trabalho (salários, sindicatos etc). Precisamos conhecer a maneira como foram tratados para aprender a enfrentar da melhor maneira os desafios existentes em nossa realidade.

Como o estudo que agora fazemos é apenas uma introdução, sugerimos aqui uma discussão em grupo, para a qual apresentamos algumas questões somente como sugestões:

1. Temos que conhecer melhor a Doutrina Social da Igreja? Por quê?
2. Será que a DSI atinge também a realidade pan-amazônica?
3. O que aprendemos na Igreja ajuda-nos a viver a justiça e a solidariedade em nossa realidade concreta?

AGIR

O grande objetivo da DSI é motivar e esclarecer os cristãos, as cristãs e pessoas de boa vontade para serem protagonistas da transformação social necessária na realidade em que vivem e trabalham.

Todo conhecimento teórico elaborado pela DSI existe em vista da ação. O desejável é que cada grupo de estudos consiga ter a criatividade necessária para empreender uma ação concreta. No entanto, estamos ainda fazendo aqui apenas um estudo introdutório. Se o grupo já vislumbra alguma coisa a fazer, louvado seja Deus e mãos à obra!

De nossa parte, esboçamos algumas sugestões, ainda no plano teórico. Iniciamos com uma questão pessoal, dirigida a cada participante do grupo: Se alguém me perguntar o que é a DSI, o que eu diria?

Para o grupo como um todo, propomos outras sugestões:

* Vamos escolher algum texto da Doutrina Social da Igreja para estudarmos em grupo? Como são muitos, podemos começar a partir do Concílio Vaticano II, desde a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS), sobre a Igreja no mundo contemporâneo. Mais recentemente, temos o Documento de Aparecida (DAp) e o segundo capítulo da carta do Papa Francisco, *Evangelium Gaudium* (EG). Seguem pequenos textos ilustrativos de cada um desses documentos:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração” (GS 1).

“Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos e latino-americanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade. A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha. De fato, João Paulo II, dirigindo-se ao nosso continente, sustentou que ‘converter-se ao Evangelho, para o povo cristão que vive na América, significa revisar todos os ambientes e dimensões de sua vida, especialmente tudo o que pertença à ordem social e à obtenção do bem comum’ (DAp 392)”.

“Não é função do Papa oferecer uma análise detalhada e completa da realidade contemporânea, mas animo todas as comunidades a ‘uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos’. Trata-se de uma responsabilidade grave, pois algumas realidades hodiernas, se não encontrarem boas soluções, podem desencadear processos de desumanizações que será difícil retroceder.” (EG 51).

* Observando nossa realidade mais próxima, podemos escolher um problema grave ou difícil e pesquisar o que a DSI já falou sobre o tema. Por exemplo: o mundo do trabalho; os direitos humanos; o problema da terra e da propriedade privada; o problema da democracia, eleições livres etc. Depois, confrontar com o que se diz habitualmente a respeito do tema e formar nossa opinião (pessoal e comunitária).

* Em outubro de 2019, acontecerá em Roma o Sínodo Pan-amazônico, convocado pelo Papa Francisco. Seu principal objetivo é identificar caminhos para a evangelização do povo de Deus que habita a imensa região amazônica. Como podemos ajudar nossos bispos a avançarem nessa reflexão? A voz das comunidades é fundamental para que as decisões dos bispos respondam às exigências da realidade dos nossos povos.

CELEBRAR

Vamos, antes de terminar, fazer uma breve avaliação de nosso encontro.

* O que foi bom? O que foi mal ou difícil demais? Como poderia ser melhor?

* Deu para entender o que é a DSI e a sua proposta? Ficaram algumas dúvidas? Quais?

Para finalizar, propomos uma dinâmica, usando a linguagem teatral:

Os participantes devem dividir-se em dois grupos, sendo que o primeiro grupo vai encenar um quadro demonstrando a situação dos operários e operárias nos primeiros tempos da Revolução Industrial na Europa.

O segundo grupo de participantes devem escolher e também encenar um aspecto da realidade social pan-amazônica que tenha relação com aquela realidade que provocou o início da Doutrina Social da Igreja.

Depois, faz-se um círculo de reflexão para descobrir quais os traços comuns entre ambas as realidades encenadas.

Por fim, o grupo se une numa oração de louvor e agradecimento ao Espírito Santo, que atuou para a boa compreensão dos ensinamentos estudados, pedindo também sua luz para continuar a caminhada de aprofundamento da DSI.

Sugerimos que terminem de mãos dadas, entoando um cântico adequado (por exemplo, para o Brasil, os cânticos "Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão" ou "Eu navegarei no oceano do Espírito").

Módulos da Cesta Amazônica:

1. Território:

- a. Língua materna e território: "Minha voz"
- b. Educação tradicional no território
- c. Leis de proteção do território: "Mandatos de Salvaguarda de Nossos Territórios"
- d. Desterritorialização: "Deslocamento forçado de povos ou comunidades de seus territórios".
- e. Ecossistema – calendário tradicional – trabalhos comunitários – técnicas de produção: "Nossa vida no território".
- f. Saúde: "O bem viver das nossas comunidades"

2. Espiritualidade:

- a. A espiritualidade fonte de vida
- b. Mitos: palavra sagrada que explica a essência da vida
- c. Ritos: "As celebrações rituais dinamizam e harmonizam a vida dos povos"
- d. Sinais, símbolos e pinturas – expressão da identidade cultural
- e. Cantando e dançando alegramos a vida
- f. Lugares e templos sagrados, espaços de defesa e proteção espiritual
- g. Tempo e espaço relação íntima e profunda com as realidades do ser humano
- h. O conhecimento ancestral fonte de saúde e vida
- i. Deus fala conosco nos sonhos
- j. Os valores resistência e projeção dos povos

3. Organização:

- a. Minha primeira organização (a família)
- b. A transmissão oral de nossas comunidades
- c. Governo de nossas comunidades
- d. Valorizando nossas leis comunitárias
- e. Os líderes, nossos orientadores
- f. Nossa relação com outros povos

4. Água e Pan-Amazônia

5. Biodiversidade na Pan-Amazônia

6. Evangelii Gaudium

a. Parte I

b. Parte II

7. Pastoral Itinerante

a. Parte I

b. Parte II

8. Doutrina Social da Igreja

a. Parte I

b. Parte II

9. Os megaprojetos e as atividades extrativistas na Pan-Amazônia

Para mais informações e acesso aos módulos, visite:

www.redamazonica.org



REPAM

RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA

fuentes de vida en el corazón de la Iglesia



RED ECLESIAL PANAMAZÓNICA

fuentes de vida en el corazón de la Iglesia